

Terra

Personagens:

Filho

Mãe

Pai

Casa.

Cena 1: A volta.

Pai - Eu poderia contar mil histórias pra vocês. Tem a do meu avô paterno que completou cento e vinte anos e ainda vai pra roça todos os dias. Às vezes ele se perde no caminho de volta pra casa e a família vai atrás dele, quando chegam por lá ele tá dormindo de baixo de um pé de pau. Pessoal acha que é fácil cuidar da roça. Tem a história da minha avó que era escrava e fugiu da lavoura, chegou aqui se casou com meu avô materno e tiveram quatorze filhos, logo depois ele morreu, e sozinha ela teve que criar os filhos. Poderia contar a história do meu pai, o maior alfaiate e sanfoneiro de todos os tempos. Poderia contar a da minha mãe. Poderia contar a história dos moradores daqui. Dessa região. Dessa cidade. Desse bairro. Mas isso acontece em todo país e talvez se eu me referir a apenas um lugar eu perderia a chance da minha história ser publicada nacionalmente. Afinal, isso acontece no país todo.

Lembra-se do Filho.

Onde o meu Filho deve estar agora? Acho que talvez na escola. Não, talvez na faculdade. Não, talvez no trabalho. São lugares que eu queria que ele estivesse. Ele é um bom garoto. Pronuncia palavras bonitas, anda bem vestido, pratica esporte, faz teatro.

Tenta esquecer o Filho.

Não. Não quero falar do meu Filho. Acho que quero falar das estórias dos moradores daqui. Quero falar sobre o que eles ouviram, o que eles viram, presenciaram. São várias estórias. Eu também presenciei entre eles. Mas eu estou contrariado com esse povo. Bom, então vou contar a minha estória. Por onde devo começar? Vou começar pelo sangue. Não. Sangue não. Logo eu que sangro todos os dias! Essas estórias de sangue. Será que dar certo falar disso? Acho que dar! Afinal é com sangue que se escreve a história e o sangue tem uma cor tão bonita: vermelho. Vermelho. Também me lembra carne, carnificina, carnívoro, carnudo, carneiro. Carneiro. Carneiro é uma carne boa! Às vezes tem um ótimo sabor. Não. Prefiro galinha. O sangue da galinha se bem preparado fica saboroso\

Barulho de panela explodindo. O Pai sente medo.

O que é isso? Será que eu deixei alguma coisa no fogo? Se eu estiver deixado acho que explodiu.

Outro barulho de uma panela explodindo. O Pai sente medo.

Meu Deus! Que barulho é esse? Cuidado com o que cozinhas. Acho que não é aqui dentro, eu não me lembro de ter deixado algo no fogo. Deve ser na vizinhança. Os outros moradores devem ter esquecido a galinha cozinhando na panela de pressão e explodiu. Ainda bem que existem muros. Já pensou se não existissem? Eles nos protegem. Proteção é mesmo bem importante. Parede é fundamental na nossa vida. Mesmo assim ainda acho que essas paredes têm ouvidos. Ou devem existir buracos nelas. Porque tudo o que eu falo os vizinhos sabem e tudo o que eles falam eu escuto daqui. Até esse barulho\

Outro barulho de uma panela explodindo. O Pai sente medo.

Entra o Filho com uma mala, depois de uma longa viagem. O Pai está abaixado com muito medo.

Filho - Pai! O que aconteceu?

Pai - Não foi nada. Eu estou bem.

Filho - Por que você estava no chão?

Pai - Eu gosto de ficar no chão, às vezes. Sentir o som da terra.

Filho - Onde eu posso deixar minha mala?

Pai - Qualquer lugar aqui.

Filho - Tá um calor aqui!

Pai - Desacostumou foi? Mas tá muito quente mesmo. Tem água ali.

Filho vai buscar um pouco de água.

Entra a mãe correndo. Ela vê apenas o Pai.

Pai - Você não vai trabalhar?

Mãe - Vou. Estou atrasada, eu sei. Mas já vou sair. E você não vai trabalhar?

Pai - Não sei. Acho que perdi o amor pelo trabalho.

Mãe - Perdeu o amor pelo trabalho?! Quando eu te conheci você trabalhava. Aos finais de semana, ainda tocava com seu violão em algumas serestas, cantava tão bem. As mulheres eram loucas por você! E agora vive bêbado, escutando coisas, não toca mais violão, você se cospe quando estar bêbado. Mal consegue cantar, só abre a boca pra resmungar! Suja a casa de argila! Eu que tenho que limpar. Vive sujo. A única mulher que te suporta sou eu! Nem tua mãe te suporta. Olha o que você se tornou! Você mente! Você está velho! Deve ser isso, a velhice chegou para você.

Pai - A velhice também chegou pra você. Você também estar velha. Você inventa doenças, toda semana é uma doença nova. Vive indo ao médico. Antes você dava aulas, hoje são seus alunos que lhe dão aula. Deve ser isso, esses seus alunos devem ter te enlouquecido. Você também mente. Você não serve nem pra ser mãe. Não sabe nem a hora que seu filho vai chegar.

Mãe - Por que? Meu Filho está aqui? Cadê ele? Ele não ia chegar só mais tarde?

Filho - Mãe.

Mãe - Meu Filho. Você está magro. O que está acontecendo? Você vai morar aqui, não vai?

Filho - Eu estou bem. Ainda não sei se vou morar aqui. Você me ligou falando que eu voltasse, eu trouxe todas as minhas roupas, mas ainda não decidi se vou ficar.

Mãe - Tudo bem, que bom que você está aqui. Já viu seu Pai?

Filho - Já. O que está acontecendo com ele?

Mãe - Ele ficou assim desde quando você foi embora.

Filho - Quando eu fui embora\

Pai - Não está na hora de você ir trabalhar?

Mãe - Tá me controlando? Filho, eu preciso ir. Daqui a pouco estou de volta e nos falamos mais. Ainda não estou de férias.

Filho - Tá bem, Mãe.

Mãe - Estou com muitas saudades.

Filho - Também estou com muitas saudades. Senti sua falta todos os dias.

Saudade é como lâmina embevecida,

É ir à praia numa tarde e sentir uma brisa enfurecida,

É como canto de um pássaro enjaulado,

É acordar de manhã e não ver ninguém ao lado.

Durante esses dois anos que estive fora, fiquei incomunicável. Me comunicava apenas com meus pais por telefone. Tive que deletar minhas redes sociais. Ficar sem rede sociais é uma decisão difícil. Por um lado, foi muito bom,

sobrou mais tempo e tive mais privacidade. Por outro lado, foi ruim porque parece que eu me mantive isolado durante esses anos. Meus pais também não têm redes sociais. Parece que eu sentia mais saudades. Mas agora estou aqui, daqui a pouco matamos a saudade, teremos tempo.

Pai - Vou fazer o almoço. Vou pegar a panela, fazer uma galinha caipira\

Mãe - Tomara que essa panela não exploda.

Mãe sai.

Pai - Não. Vou fazer uma feijoada. Você prefere o quê?

Filho - Não estou com fome.

Pai - Não tá com fome, agora.

Cena 2: O Trabalho

Filho - Pai, por que você não está mais trabalhando?

Pai - Não sei.

Filho - Pai, você precisa sair de casa. Trabalhar um pouco. Tocar o seu o violão. Isso vai te fazer bem. Cadê seu violão?

Pai - Meu violão? Eu não sei onde estar. Cadê o seu? Não trouxe de viagem?

Filho - O meu? É... aconteceu que eu dei pra uma pessoa que estava precisando muito. Ela estava sem comer e dei para que ela vendesse e comprasse algo para comer.

Pai - Que bom. Filho, você fez uma boa ação. Me orgulho de você.

Pai vai pegar a panela e carvão.

Filho - Na verdade, eu vendi o violão. Estou morando há dois anos fora de casa. Confesso, não é fácil morar sozinho. Ainda lembro quando estava decidindo sair de casa. Atualmente, estudo teatro. Sou ator. É.. sou ator. Que maravilha! Lembro que no dia que eu ia viajar, eu estava voltando de um

ensaio do teatro. Eram umas 18h00min horas de uma sexta-feira e meu bairro estava cheio de policiais, parecia uma invasão. Alguns me pararam e me mandaram ir para casa e falaram pra eu não sair depois das 19h00min. Mas eu teria que sair antes disso porque eu teria que pegar o ônibus às 19h00min na rodoviária. Eu estava atrasadíssimo. Pensei: Isso deve ser um aviso, ou um presságio. Presságio ou aviso? Não sei. Acho que foi um aviso para eu não sair de casa e ter que passar por tudo que passei. Ou presságio de tudo que ainda estaria por vir. Eu vendi o violão. Tive que vender, pois um dia o alimento me faltou. Eu troquei a música por sustança. Sustança. Apesar de que às vezes a música e o teatro eram minhas sustanças. Sustanças que alimentavam minha alma.

Entra a Mãe correndo.

Filho - Mãe

Pai volta com a panela e o carvão nas mãos.

Pai - Não vai mais trabalhar?

Mãe - Eu ia. Mas liguei pra lá, falei que estava doente. Não vou mais.

Filho - Que bom.

Pai - Você não pode ficar faltando o trabalho.

Mãe - E você, por que não vai trabalhar?

Pai coloca a panela e o carvão ao chão e faz um fogão utilizando alguns tijolos que estão próximos. Ele faz um fogão ao chão. Ele acende.

Pai - Você acha que eu não trabalho, esse tijolo de argila sou eu que faço.

Mãe - Agora ele tá com essa mania de fazer tijolos de argila. Quem que compra esses tijolos rachados. Você não quer um café, meu Filho?

Filho - Quero. Onde está meu irmão?

Mãe - Ele não está aqui.

Filho - Ele saiu?

Mãe vai pegar um café.

Mãe - Sim.

Filho - E como estão as coisas por aqui?

Mãe volta e entrega uma xícara de café ao Filho.

Mãe - Eu estou doente, senti umas dores no seio esses dias. Fui ao médico, fiz alguns exames, resultado sai hoje, tenho que ligar pra lá. Mas eu já sei. É aquela doença...

Filho - Calma Mãe.

Mãe - Seu Pai estar sem trabalhar. Vive bêbado e se cuspindo. Ele fica imaginando coisas: panelas explodindo, vizinhos subindo no telhado da nossa casa. Será que ele está ficando louco?

Filho - Mãe, se você soubesse que durmo e acordo todos os dias com barulho de panelas explodindo, que onde moro os vizinhos sobem no telhado das casas dos outros. Isso é normal. Semana passada eu tive uma crise, se é que pode se chamar assim. Eu estava sozinho em casa andando de um lado pro outro da sala, tentei ligar pra vocês, mas já era noite. Eu ia sair sozinho pelas ruas na madrugada. Eu estava querendo morrer, mas não sabia como. É porque eu não queria morrer de qualquer jeito, feito tolo. Não queria morrer atropelado por um carro, se jogando de um prédio ou uma ponte, levando um tiro, cortando os pulsos, overdose, nada disso. Eu queria morrer de forma épica. Queria que eu ficasse lembrado na história, mas não sabia como e nem sei. Será que eu estou ficando louco?

Filho bebe o café.

Mãe - Esse café é daqui.

Filho - Gostoso esse café!

Pai - O feijão tá no fogo! Daqui a pouco a feijoada tá pronta\

Mãe - Tomara que essa panela não exploda!

Filho - Vocês se lembram daquele meu amigo?

Mãe - Quem?

Pai - Qual?

Filho - O meu melhor amigo, mais que amigo\

Mãe - Eu lembro. Você não conversou mais com ele?

Filho - Não. Tentei ligar várias vezes para ele, mas não atendeu.

Cena 3: Terra do meu trabalho

Pai - Lembro! Lembro naquele dia que sai do trabalho numa sexta-feira eram umas 17h00min. A semana tinha sido sufocante. O edifício que havíamos construído estava com alguns problemas. Algumas partes não foram bem sustentadas. O engenheiro chegou furioso na obra e advertiu o mestre de obras que por sua vez advertiu os pedreiros que por sua vez advertiu a nós, os serventes. Ele falou que se houvesse mais algum problema na construção estaríamos no olho da rua. Foi essa a expressão que ele usou “olho da rua”. Eu chego ao meu bairro e encontro policiais rondando. Barulho de Sirene. O clima estava diferente. Cheguei em casa eram umas 17h30min com fome, com essa expressão na minha cabeça “Olho da rua” e cheio de terra no corpo. Terra do meu trabalho. Terra de todos os dias, de todas as manhãs...

Todas as manhãs, tenho os punhos

sangrando e dormentes

Todas as manhãs junto ao nascente dia

ouço a voz dos meus entes,

tal é a minha lida cavando, cavando torrões de terra

até lá, onde os homens enterram

a esperança roubada pela guerra.

Cena 4: A ligação da professora

Mãe olha ao relógio e se assusta.

Mãe - Nossa! Tá na hora.

Filho - Que foi que houve?

Mãe - Tenho que ligar para o médico.

Pai - Liga agora.

Mãe vai até o telefone e liga.

Mãe - Alô. É do Hospital Gonzaga Mota? Eu queria saber se meu exame estar pronto?

Mãe desliga o telefone.

Pai - E aí o que disseram?

Filho - Saiu o resultado?

Mãe - Liguei errado.

Mãe liga novamente.

Mãe - Alô. É do Hospital Gonzaga Mota? É porque eu queria saber se meu exame estar pronto... não. Isso! Foi com o Dr. Fraga. Merdaa!

Filho - Mãe!

Pai - Que foi?

Mãe - Caiu a ligação. Vou ligar de novo.

Pai - Liga logo.

Mãe liga novamente.

Mãe - Alô. É do Hospital Gonzaga Mota? É porque eu queria saber se meu exame estar pronto. Isso. Liguei agora a pouco. O meu Cpf é 03821599390.

Pai - E aí?

Mãe se entristece.

Filho - O que houve Mãe?

Mãe - Eu não estou doente.

Filho - E por que ficou triste?

Pai - Ela queria estar doente, é isso que ela queria. Quer morrer logo! Pra não ter que aguentar esta vida. Que vida! Alguns querendo morrer e outros querendo viver.

Filho - Mãe, não fique triste. Você ainda tem muito o que ensinar aos outros nessa vida.

Mãe - Ensinar a quem, você já está formado e seu irmão\

Pai - Você tem seus alunos! Você é uma professora muito querida na escola.

Mãe - Querida? Querida por quem? Se for pelas as mães dos alunos, elas me odeiam. Sabe o que uma veio me dizer um dia? Que a escola estava prejudicando o seu filho em casa e que eu não estava educando o seu filho. Eu respondi: Para que a escola seja a segunda casa, a casa tem de ser a primeira. A mãe ficou sem resposta e saiu furiosa comigo e tirou o filho da escola. Outro dia uma criança saiu da escola com a orelha sangrando. E eu fui logo informar a diretora, eu sabia que era uma criança endiabrada, também sabia que talvez teria sido a professora dele que tivesse feito aquilo, comuniquei a diretora e sabe o que ela me disse? Ela falou: Não se compadeça dessa criança, algum dia ela vai matar seus filhos, abusar de suas filhas. Tudo mudou, as crianças de hoje não são mais como antes. Se não fizermos isso elas não serão boas. Eu fiquei sem resposta... por isso que não adianta eu ser querida.

Pai - Isso não quer dizer que você não é querida.

Filho - Mãe, você foi e é a melhor professora que já tive.

Mãe - Eu já vi muitas coisas naquela escola.

Pai - Você deveria dar aulas em outra escola.

Filho - O problema não é a escola.

Mãe - Ah! Não é mesmo. Outro dia num encontro de pedagogia, conversei com uma mulher que falou que um menino bateu nela porque ela pediu pra ele colocar o livro sobre a mesa. A outra falou que toda semana era uma agressão verbal que sofria.

Pai - Por que não chamaram a polícia?

Mãe - Elas têm medo de chamar a polícia!

Filho - Não é só isso.

Mãe - É o desamparo social e a condição precária que esses governos nos impõem. A sociedade também nos desamparou... A vida...

Cena 5: As Lembranças

Filho - Eu lembro quando você chegava do trabalho a noite e ainda lia contos para eu dormir. Lembro quando você trazia fantoches e livros de teatro e nós brincávamos de atuar. Lembro quando você me ensinou a andar de bicicleta, da primeira vez eu soltei as mãos e levei uma queda, mas depois eu consegui.

Mãe - Mas eu não me abalo, ainda vou dedicar muito minha vida a educação. Ainda existem bons alunos e são muitos que não merecem minha ausência.

Filho - Lembro quando você me viu beijando um menino numa festa de aniversário, depois você conversou comigo e disse que me apoiaria.

Pai - A feijoada!

Mãe - Tomara que essa panela não exploda!

Pai corre para ver a feijoada.

Pai - Tá quase pronto!

Mãe - Me conta como tá na faculdade.

Filho - Está tudo bem. Onde está meu irmão?

Mãe - Ele saiu.

Filho - Liga pra ele! Quero vê-lo.

Pai - Ele não tá morando mais aqui.

Filho - Como não está mais morando aqui?

Pai - Pensei que você soubesse.

Filho - Do que você tá falando?

Mãe - Nada, meu filho.

Filho - O que está acontecendo aqui? Me respondam!

Pai - Seu irmão estava sendo procurado!

Mãe - Deixe de mentiras.

Filho - Por quem?

Mãe - Para de inventar histórias!

Filho - Fala Pai!

Pai - Eu lembro... lembro naquele dia que saí do trabalho numa sexta-feira eram umas 17h00min. A semana tinha sido sufocante. O edifício que havíamos construído estava com alguns problemas. Algumas partes não foram bem sustentadas. O engenheiro chegou furioso na obra e advertiu o mestre de obras que por sua vez advertiu os pedreiros que por sua vez advertiu a nós, os serventes. Ele falou que se houvesse mais algum problema na construção estaríamos no olho da rua. Foi essa a expressão que ele usou "olho da rua". Eu chego ao meu bairro e encontro policiais rondando. Chego em casa eram umas 17h30min com fome\

Mãe - Estou com fome. A feijoada já tá pronta?

Filho - Continua Pai.

Pai - Cheguei em casa e um amigo me aguardando na porta de casa, ele me chama pra beber em um bar\

Mãe - Eu não quero mais ouvir essa estória.

Pai - No bar, ele me conta todo um boato que estava percorrendo no bairro. E falou que tinha sido um homem que andava propagando essa história. Esse homem chega ao bar. Eu já bêbado, me levanto da cadeira e vou tomar satisfações com ele. Ele me agride. Chego a confrontar ele, que saca um revólver e acerta com a coronha na minha boca e no tórax. Depois disso ele vai embora. Eu tento ligar para polícia que já estava rondando o bairro. Eles riram de mim quando falei que tinha sido agredido por aquele homem.

Filho - Continua Pai.

Pai - Eu estava sangrando pela boca! Isso é natural? Sim. É natural. Aliás, todos os dias eu sangro pela a boca. As minhas gengivas sangram! Todos os dias. Quando eu durmo e acordo para escovar os dentes, minha boca está cheia de sangue. Todas as manhãs! Minhas gengivas sangram quando estou dormindo.

Mãe - Já chega!

Filho - Mas que estória era essa, que ela andava propagando?

Pai - Ele era um policial. O seu amigo que me acolheu, me levou até em casa e falou que não era para eu ter comunicado a polícia. Na saída do seu amigo aqui de casa, aparece o policial, eles dois trocam tiros. O policial é morto. E seu amigo ferido de raspão. Depois disso\

A Mãe corre para o quintal da casa. O Filho vai atrás.

Filho - O que foi Mãe? Você está bem?

Mãe - Sim, estou bem. Eu queria agradecer por você ter voltado.

Filho - Tudo bem, Mãe.

Mãe - Mas... eu queria te falar uma coisa.

Filho - O que foi?

Mãe - É sobre aquela história que teu Pai estava contando sobre sangue. Ela não existe. Eu que inventei e falei para ele. É mentira, fiquei com peso na consciência depois de ter falado isso para ele, mas depois ele não esqueceu mais\

Filho - Que estranho.

Mãe - Porquê?

Filho - Nada não...

Eles preferem viver nessa ilusão. Eles não me respondem o que houve aqui nessa terra. Eles preferem viver na mentira! Eu estava incomunicável, mas não estava morto. Os jornais deram a notícia. Eles acham que eu não vi a foto do meu irmão estampada na capa do jornal. Acham que eu não sei que eles enterraram o próprio filho. Na sexta-feira em que viajei por volta das 20h00min houve a maior chacina da história da minha cidade. O meu irmão que era traficante foi morto naquela noite, meu amigo também. Na verdade ele era bem mais que um amigo. Por que eles preferem viver nessa ilusão? A minha vontade era de falar tudo, que sou gay, que meu irmão era um traficante e meu amigo também. Mas meu pais, pobres coitados, de tão velhos já estão transtornados. Não apenas pela velhice, mas pelos acontecimentos, eles preferem viver na ilusão e esconder os sentimentos. Preferem esquecer! Assim como eu preferi esquecer. Eu fui muito egoísta em me ausentar e me manter esquecido durante esses anos. Todos esses traumas eu preferi esconder e eles também omitiram muitas coisas de mim durante esses dois anos. Mas o que eu posso fazer agora? Não há nada mais a ser feito. Melhor esquecer o que passou e pensar no futuro. Eu vou poder cuidar dos meus pais, logo eles que tanto cuidaram de mim, vou poder abraça-los, poder ama-los.

Pai - A feijoada tá pronta!

Filho - Vamos almoçar, Mãe.

Por Francisco Marden.